

FACULDADE JK MICHELÂNGELO
UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS-BRASIL
UNAT-BRASIL
PÓS-GRADUAÇÃO EM ANÁLISE TRANSACIONAL

**RELAÇÃO MÃE-BEBÊ: Contribuições da
Análise Transacional no entendimento do processo
gestacional**

Lorena Ladico Trindade

Uberlândia- MG

2016

LORENA LADICO TRINDADE

**RELAÇÃO MÃE-BEBÊ: Contribuições da
Análise Transacional no entendimento do processo
gestacional**

Artigo de conclusão de curso apresentado à Faculdade JK Michelângelo e à União Nacional de Analistas Transacionais-Brasil, como requisito parcial do curso de Pós-Graduação em Análise Transacional, para obtenção do título de Especialista em Análise Transacional.

Orientadoras: Fernanda Nogueira
Rodrigues e Ede Lanir Ferreira Paiva

Uberlândia- MG

2016

RELAÇÃO MÃE-BEBÊ: Contribuições da Análise Transacional no entendimento do processo gestacional

Lorena Ladico Trindade¹
UNAT- BRASIL- União de Analistas Transacionais- Brasil
Faculdade JK Michelângelo

Resumo

A gestação sofre alteração em âmbito mundial quanto aos significados e perspectivas. Nesse sentido, percebe-se a relevância de se estudar e compreender ainda mais sobre o tema. Adota-se a Psicologia Pré e Perinatal para tecer o diálogo com a Análise Transacional, por terem um olhar biopsicossocial e compreenderem o ser humano desde a concepção como um ser constituído de sensações e emoções. O intuito desse artigo é estabelecer uma interlocução entre a Abordagem Análise Transacional com o período gestacional. Busca-se problematizar, neste trabalho, o fato de que ao mesmo tempo em que se atribui grande importância ao período da maternidade, o mesmo tem sido utilizado como ferramenta de discussão de patologias e possíveis (des)ajustes que possam ocorrer na gestação. Chamou à atenção a ausência de pesquisas empíricas e mais profundas na Análise Transacional envolvendo a tríade tão importante para a concepção e nascimento: mãe, pai e filhos. A insuficiência de trabalhos voltados para gestação e o início da vida humana intrauterina nos faz questionar: por onde anda a mulher e o bebê vistos de forma integral, constituídos na diversidade do biopsicossocial tão defendido nas teorias?

Palavras-chave: Gestação. Análise Transacional. Bebê. Psicologia.

MOTHER-BABY RELATIONSHIP: Contributions of the Transactional Analysis to Understanding the Gestational Process

Abstract

Gestation suffers changes worldwide regarding its meaning and perspective. In this sense, we can notice the relevance of studying and understanding more about this theme. We adopted Pre and Perinatal Psychology to dialogue with the Transactional Analysis, for having a biopsychosocial look and understanding the human being from the moment of the conception as a being constituted of sensations and emotions. The aim of this article is to establish a link between the Transactional Analysis Approach with the gestational process. We seek to problematize, in this work, the fact that, while a great importance is attributed to the maternity period, it has been used as a tool of discussing pathologies and possible (dis)adjustments which may occur during pregnancy. Attention was drawn to the absence of empirical and deeper researches in Transactional Analysis involving such an important triad to the conception and birth: mother, father and children. The insufficiency of works aimed towards gestation and the beginning of the intrauterine life makes us question: where are the mother and baby seen in a holistic way, constituted in the biopsychosocial diversity so much defended in theories?

Keywords: Gestation. Transactional Analysis. Baby. Psychology.

¹Psicóloga pela Universidade Federal de Uberlândia
Atua como Psicóloga Clínica e Doula
Email: lorenaladico@gmail.com

Em todas as sociedades do mundo há gestação, mesmo que os significados e crenças em relação à maternidade possam sofrer variação de contexto socioculturais e temporais, em quase todas as épocas e em quase todas as culturas esse tema ocupa um lugar central na sociedade (CANAVARRO, 2001). Nesse sentido, percebe-se a relevância de se estudar e compreender ainda mais sobre o tema. Entendendo que gestação e maternidade são temas de suma importância, presentes em todos os tempos e em todas as sociedades, além de serem objetos de trabalho e estudo diário da autora.

Segundo Estés (2014), a psicologia tradicional é totalmente omissa quanto às questões mais profundas do feminino. Muito se escreveu sobre as fraquezas e defeitos dos seres humanos, particularmente das mulheres. Pouco se estuda sobre a alma feminina, sobre a natureza intuitiva, observadora e sábia. Nesse sentido, com este trabalho busca-se problematizar essa concepção tradicional, rompendo alguns paradigmas rígidos e inexoráveis.

O enfoque de teóricos tradicionais da psicologia do desenvolvimento humano (BEE, 1984; COLE & COLE, 2004; PAPALIA & OLDS, 2000) era e ainda são as fases iniciais da vida, da criança e do adolescente (MOTA, 2005). Nesse sentido, pesquisas com bebês intra-útero ou recém-nascidos vêm sendo mais sistematizadas e estruturadas nas últimas décadas, visto que foi somente em 1987 que a classe médica despertou para as pesquisas que comprovavam que recém-nascidos sentiam dor. Até esse momento, as cirurgias eram realizadas sem qualquer tipo de anestesia (VERNY & WEINTRAUB, 2000).

Uma visão muito diferente emergiu ao longo dos últimos trinta anos, mediante estudos e descobertas clínicas no campo da Psicologia Pré-natal e Perinatal, em que os estudos das fases iniciais do desenvolvimento humano são a partir do *ponto de vista do bebê* [grifo do autor]. Os estudos dessa área indicam que somos seres sencientes -capazes de sentir sensações e sentimentos - desde o início da vida (MCCARTY, 2013).

Entende-se por Psicologia Pré-natal, o "estudo do comportamento e do desenvolvimento, tanto evolutivo como psico-afetivo-emocional do indivíduo no período anterior ao seu nascimento" (WILHEIM, 2006, p.18). E a Psicologia Perinatal, conhecida também como Psicologia da Gravidez e Maternidade, refere-se a uma área de intervenção e estudo que tem como base o modelo

biopsicossocial, em que o indivíduo é percebido de forma holística (CANAVARRO, 2001).

Uma abordagem psicológica que possibilita esse olhar integrado sobre o ser humano é a Análise Transacional - AT, que tem como base as relações humanas, tanto as relações intra como interpessoais. A Análise Transacional é um método psicoterapêutico que foi elaborado pelo canadense Eric Berne, a partir de 1958. Segundo Berne (1985) a AT, por embasar em uma Análise Estrutural e Transacional, oferece uma teoria sistemática e consistente da personalidade e da dinâmica social. É uma teoria da personalidade, com enfoque na psicologia humanística, contendo técnicas de análise tanto de aspectos individuais e sociais.

Segundo Berne (1985), a base teórica da Análise Estrutural da AT contém três absolutos pragmáticos, ou seja, são uma condição para a qual não haja nenhuma exceção, são eles: (1) que todo indivíduo já foi criança um dia; (2) que todo ser humano com funcionamento cerebral suficientemente bom é capaz de fazer uma análise de realidade; (3) que todo indivíduo que sobrevive até a idade adulta foi cuidado por pais ou alguém *in loco parentis*.

Valendo-se dessa percepção, o intuito desse artigo é estabelecer uma interlocução entre a abordagem Análise Transacional com o período gestacional, respondendo à pergunta: Quais são as contribuições teóricas da Análise Transacional relacionadas à gestação?

Análise Transacional e o Processo Gestacional

Perspectiva da Mulher

Segundo Babcock e Keepers (1977) o trabalho psicológico da gravidez começa quando se inicia a vida, ou seja, no período gestacional. Outro argumento que merece ser ressaltado é que, para os autores, nos meses finais da gravidez a mulher começa a retornar à própria infância, entrar em contato com sua Criança Natural e refletir sobre sua criação e sobre os relacionamentos parentais, principalmente com a própria mãe. Na experiência da autora, percebe-se que o trabalho do psicólogo começa antes da descoberta da gravidez. Atualmente, muitos casais estão se preparando em

vários âmbitos, como por exemplo, o emocional, psicológico, físico, financeiro entre outros, buscando uma preparação mais consciente e integral.

Ferrari (2013) apresenta uma proposta de utilizar a Análise Transacional como instrumento de apoio psicológico ao atendimento humanizado à gestante. Segundo a autora, por se tratar de uma abordagem clara e acessível a qualquer membro da equipe médica e aos pacientes, a Análise Transacional é um ótimo facilitador no processo de Humanização da gestação, parto e puerpério, que vem sendo preconizado pelo Ministério da Saúde. Nesse sentido, a autora preconiza que o atendimento à gestante não se restringe somente ao cumprimento de protocolos, mas sim que deve ser visto como um processo.

Análise Transacional possui a visão de que a gestação é um processo do desenvolvimento. Nesse sentido, para Levin-Landheer (1984), o desenvolvimento humano apresenta-se como um ciclo composto de estágios que se inicia na infância e se repete ao longo da vida. Segundo a autora, crescemos por meio das mudanças físicas e emocionais recorrentes de cada estágio na infância e retornamos a eles regularmente ao longo da vida adulta.

Segundo Levin Landheer (1984), O Estágio Um (O poder de Ser) refere-se às necessidades orais, as necessidades de ser cuidado, alimentado e tocado, esse estágio vai do nascimento aos seis meses de vida. Quando a mulher engravida, ela volta para esse estágio de desenvolvimento. Nesse sentido, assim como o bebê, a mulher necessita de cuidado, necessita estar perto fisicamente e desenvolver ou renovar um laço afetivo ou emocional com outra pessoa. Há necessidade, também, em parar de fazer as coisas, de pensar e planejar, somente existir. O reconhecimento está presente naquilo que ela é e não no que realiza.

Retornamos a esse estágio em vários momentos na vida adulta, quando estamos grávidas e principalmente quando tomamos conta de uma criança, por exemplo, no puerpério. Nesse estágio,

somos como uma semente que foi recentemente plantada, nosso novo crescimento está escondido debaixo do solo e não é aparente. O Estágio Um é um tempo em que juntamos força, e construímos energia, a fim de alcançar o ponto crítico a partir do qual iniciará a ação. Fazer qualquer coisa nesse estágio é desperdiçar. Ao invés disto, é hora de receber (LEVIN-LANDHEER, 1984, p. 185).

Nesse sentido, é durante a gestação e no puerpério que a mulher precisa de todo apoio externo, para que possa cuidar emocional e psicologicamente da criança.

Em se tratando de aspectos profundos da psique, Merhy (2013) traz contribuições para a compreensão do relacionamento entre mulher e bebê desde a concepção. Segundo o autor, começamos a nossa existência dentro de uma relação de dependência. Uma relação de forte marco, por se tratar da nossa primeira relação amorosa e, assim, vai moldar todos nossos relacionamentos afetivos. A base para essa afirmação vem da autora em Análise Transacional Schiff (1986), que define essa primeira relação entre mãe-bebê como Simbiose. Entende-se que "uma Simbiose ocorre quando dois ou mais indivíduos se comportam como se constituíssem uma única pessoa" (SCHIFF, 1986, p. 8). Essa relação simbiótica inicial é denominada de Simbiose Saudável, um evento natural entre pais e filhos, que ocorre desde a concepção até que os filhos estejam suficientemente desenvolvidos para prover o próprio alimento e outras necessidades básicas.

O contato visceral entre mãe e bebê, durante toda a gestação, promove uma interação a nível bioquímico. Nesse sentido, o quadro ideal na gestação é, enquanto inicia-se a Simbiose Primária entre mãe-bebê, ocorre também uma simbiose de suporte entre o pai e a mãe. Para constituição de uma relação simbiótica alguns fatores podem influenciar, como o desejo ou não em relação a ter o bebê, como é o ambiente emocional dessa família e as expectativas construídas, como por exemplo a escolha do nome ou o papel que a criança desempenhará na vida (MERHY, 2013). O que se percebe na experiência profissional da autora é que esse quadro ideal muitas vezes não ocorre. As mulheres, de forma geral, em todos os âmbitos socioeconômicos, principalmente as de baixa-renda, não possuem esse apoio emocional no ambiente familiar. Essa falta de suporte no período gestacional se amplia na fase do puerpério, tendo como causa inúmeros fatores, ressalta-se aqui o fator cultural como forte elemento constituidor desse contexto, de acordo com a experiência profissional da autora.

Perspectiva do Bebê

Berne (2007) também traz contribuições relevantes para o período gestacional. Segundo o autor, *Script* de vida é "um plano de vida baseado numa decisão feita na infância, reforçado pelos pais, justificado por acontecimentos subsequentes e culminando com uma alternativa escolhida" (p. 356). Os trabalhos de Berne sobre *Script* afirmam duas possibilidades que as decisões e crenças da Criança são resultados de suas percepções internas e em outros momentos também sugere que são os pais que influenciam e controlam, através de Injunções e Permissões. Podemos perceber esse movimento no trecho a seguir:

A criança nasce livre, mas logo aprende diferentemente. Nos primeiros dois anos ela é programada, em particular, por sua mãe. [...] Mesmo no quarto do bebê já fica claro quem está no controle, a mãe ou o bebê. Isso pode ser revertido com o tempo, mas os ecos da situação original ainda poderão ser ouvidos em momentos de estresse ou de zanga (BERNE, 2007, p. 91).

Os momentos que antecedem a concepção também influenciam na formação do *Script* da pessoa, para Berne (2007) os hábitos, sensações e emoções na hora da concepção possuem papel de importância, assim como a intenção no momento da relação sexual, se foi uma relação amorosa, violenta, decepcionante ou calorosa. O sexo para esse casal é considerado sagrado, divertido, amoroso ou pervertido e sujo? Todas essas questões fazem parte de um movimento que hoje está sendo muito difundido como Concepção Consciente. Em que os progenitores têm ampla consciência de suas ações e não ficam - grávidos por acidente, mas sim com planejamento responsável.

Além do momento da concepção, outros fatores influenciam na formação do *Script*. Segundo Berne (2007) a cultura, o meio social dos pais, a escolha do nome, a ordem de nascimento e as influências ancestrais. Todos esses são elementos existentes antes do nascimento da criança influenciando diretamente na sua trajetória individual.

Berne (2007) sugere que, para estudar o *Script* de uma pessoa, o ideal é começar pelas histórias dos avós. Compreende-se que os avós possuem uma ampla influencia na história genealógica da família. Em regra geral, "os filhos seguirão o *Script* dos pais no que refere à constelação familiar e pode ser demonstrado utilizando-se fatores mais simples: número e espaçamento dos filhos" (BERNE, 2007, p.71).

A comunicação entre mãe-bebê, tanto na fase gestacional quanto na fase puerpéra, ocorre através de campos de energia, essa foi a conclusão da autora Bertuol (2011). A criança percebe esses campos de energia por meio das células, que possuem a capacidade de decodificação do meio através da membrana, como explicado por (LIPTON, 2007). Segundo Bertuol (2011) a possibilidade de apreender as emoções e sensações que a mãe está vivendo durante a gestação faz parte da memória implícita do bebê, ou seja, é uma memória não consciente, envolve emoções e sensações sem representações simbólicas ou verbais e se desenvolve no primeiro ano de vida.

Enquanto nossa sociedade estiver ligada ao processo gestacional, especialmente em relação ao desenvolvimento do bebê, somente com a visão biológica, perderemos a magnitude dos processos que transpõem o físico, emergindo na complexidade da constituição humana, nos âmbitos emocionais, psicológicos e energéticos.

Correlação entre Análise Transacional e Psicologia Pré e Perinatal

A Análise Transacional corrobora como ferramenta de estudo, análise e correlação aos estudos da Psicologia Perinatal por ser uma teoria que tem como base a análise de estudos no início da vida de cada ser humano, além de possuir como propósito ser transmitida com uma linguagem clara e acessível podendo ser compreendida por qualquer pessoa, independente da sua formação social ou acadêmica. Por ter um olhar biopsicossocial, compreendendo o ser humano desde a concepção como um ser senciente e, assim, indo ao encontro da Análise Transacional adota-se a Psicologia Pré e Perinatal para tecerem esse diálogo.

Entende-se que maternidade é uma questão de cunho multidisciplinar. Segundo Maldonado (1981), o psicólogo possui como uma das funções em conjunto com a equipe médica e, em relação ao período inicial da maternidade, ajudar o obstetra a aprofundar sua compreensão do funcionamento dinâmico da mulher como um ser integrado.

Segundo alguns autores da Análise Transacional, o trabalho psicológico da gravidez começa no período gestacional (BABCOCK; KEEPERS, 1977). No entanto, estudos como Epigenética, Bioquímica e Psicologia Pré-natal e

Perinatal nos dizem que esses trabalhos emocionais e psicológicos começam antes do início da vida, já no planejamento e concepção (MCCARTY, 2013).

Para Canavarro (2010) existem tarefas do desenvolvimento que são experienciadas pela gestante durante todo processo gestacional, como por exemplo, reavaliar e estruturar a relação com os pais, aceitar a gravidez e a realidade do feto, reavaliar e reestruturar a relação com o cônjuge, entre outras. São fases que, embora seja consensual a existência de alguma correspondência de tempo cronológico este mesmo não é dado de modo linear nem tampouco de maneira precisa. Em contrapartida, com Babcock e Keepers (1977), Canavarro (2010) relaciona a tarefa de retornar alguns aspectos da infância com o segundo trimestre da gravidez e não nos últimos meses, como mencionado pelos autores. Nesse sentido, ressalta-se a importância da equipe médica e psicológica em relação ao suporte e à atenção a essas tarefas ao longo do processo gestacional.

A maternidade é um momento existencial riquíssimo no ciclo feminino, uma oportunidade de vivenciar novos níveis de integração e desenvolvimento da personalidade (MALDONADO, 1981). Além disso, o período da gravidez transcende o momento da concepção, assim como a maternidade transcende o momento do nascimento, sendo entendido, do ponto de vista psicológico, como processo dinâmico de construção e desenvolvimento (CANAVARRO, 2001).

Nesse sentido, percebe-se no trabalho diário da autora que essa perspectiva ampla do desenvolvimento da mulher em relação à maternidade é pouco compreendida e vivida no âmbito empírico. O processo de resignificação e transformação que poderia vir a ser experienciado pela mulher é postergado. Assim, inúmeras mulheres e famílias acreditam em uma visão romantizada e superficial da maternidade.

Segundo Gutman (2014), muitos aspectos ocultos da psique feminina são desvelados e ativados com a chegada dos filhos. Desse modo, é durante a gestação que começa a preparação emocional e psicológica, para a chegada do bebê. Pensar que no momento do nascimento a mulher irá se deparar com o instinto materno é um grande erro imposto pela sociedade patriarcal. Segundo Canavarro (2010), a palavra instinto nunca ajudou a compreender quão complexo e volúvel é a experiência de maternidade.

Relacionado à perspectiva do bebê, há divergência entre os escritos de 1970 de Berne (BERNE, 2007) e os estudos de Lipton (2007), relacionado às moléculas fixas dos ácidos orgânicos (DNA). Segundo Berne (2007), o DNA determina quimicamente alguns dos padrões a serem seguidos. Em contrapartida, o biólogo celular Lipton (2007) traz contribuições muito importantes para esse entendimento, através do estudo das células e a relação direta com o ambiente.

a vida de uma célula é controlada pelo ambiente físico e energético em que ela se encontra e não pelos genes. Os genes são meros modelos moleculares utilizados na construção das células, dos tecidos e órgãos. [...] O destino de nossa vida é determinado não por nossos genes, mas por nossas respostas aos sinais do meio ambiente [...] (LIPTON, 2007, p. 16).

Segundo Lipton (2007), toda célula possui a capacidade de ler o ambiente, quando a célula se percebe em um ambiente saudável, ela se desenvolve a favor do crescimento, porém, se identifica que está em um ambiente tóxico, ou seja, que ameaça a vida, ela entra em um mecanismo de sobrevivência. Pensando no desenvolvimento do bebê intra-útero, a relação com ambiente é fundamental para a formação do *Script* e para formação biológica e psico-emocional do bebê. McCarty (2013) traz pesquisas, nesse sentido, relatando um caso de um bebê que foi gestado em um útero quimicamente tóxico, concluindo que quando há toxicidade química ou emocional no momento da concepção e/ou gestação surge um conflito, e uma estratégia de sobrevivência é colocada em prática para lidar com a questão.

Nesse sentido, assim como Berne (2007), alguns autores da Psicologia Perinatal (MCCARTY, 2013; VERNY & WEINTRAUB, 2000), também compartilham ideias parecidas. Para McCarty (2013), a maneira como somos concebidos, carregados no ventre e paridos é de suma importância. Somos seres conscientes e sencientes, o que corrobora com as ideias de Berne (2007) sobre as percepções e conclusões internas do bebê.

Considerações Finais

A Psicologia corroborou para crenças e ideias sobre maternidade ideal e omissão, em muitos momentos, nas questões mais profundas do feminino. Entender a maternidade como um processo, é o caminho para transformação e ressignificação desse processo de desenvolvimento. Entende-se que a

maternidade, assim como o amor, é uma construção diária. Uma relação que precisa ser cuidada a todo o momento.

Outro ponto que merece ser considerado é sobre ideia divulgada na mídia e socialmente, a crença romantizada da mulher grávida imersa num mundo infantilizado, como por exemplo, que estar grávida é viver uma - doce espera - com pensamentos superficiais sobre enxoval e decoração do ambiente. Infelizmente, o que percebo no trabalho com gestantes e mães no puerpério é que muitas estão conectadas com o mundo externo, fugindo e/ou desconhecendo os processos internos que conclamam a todo o momento. Muitas acreditam que estão se preparando para a chegada do bebê decorando os quartos, comprando as roupinhas, imaginando o bebê nos braços. Mas como vimos com a teoria de *Script*, de Berne, nossas decisões e emoções são muito mais profundas e significativas.

Buscamos problematizar neste trabalho o fato de que, ao mesmo tempo em que se atribui grande importância à maternidade. Estudos sobre esta fase tem priorizado discussões sobre patologias físicas e possíveis (des)ajustes que possam ocorrer na gestação. A maternidade na perspectiva da mulher ainda sofre processos de Desqualificação, em relação a aspectos profundos e relevantes.

Em relação à perspectiva do bebê, há um estudo rico, porém ainda falta aprofundamento tanto da Análise Transacional quanto de outras abordagens psicológicas na visão do bebê como um ser biopsicossocial, desde sua concepção. Percebe-se uma insuficiência de artigos científicos que apreendem o desenvolvimento do bebê intra-útero com uma perspectiva mais ampla, incluindo os âmbitos emocionais, psicológicos e energéticos.

Entendo a relevância dos trabalhos selecionados para os fins deste estudo, porém chamou a atenção a ausência de pesquisas empíricas e mais profundas na Análise Transacional envolvendo a tríade tão importante para a concepção e nascimento: mãe, pai e filhos. Compreendo que trabalhos que promovem o diálogo entre teoria e prática possibilitam sistematizar e ampliar as possibilidades de intervenção e mediação. A insuficiência de trabalhos voltados para gestação e o início da vida humana intra-uterina nos faz questionar: por onde anda a mulher e o bebê vistos de forma integral, constituídos na diversidade do biopsicossocial tão defendido nas teorias?

Referências

- BABCOCK, D.E.; KEEPERS, T.D. **Pais Ok. Filhos Ok.** Rio de Janeiro: Artenova, 1977.
- BEE, H. **A criança em desenvolvimento.** (R. Pereira, Trad.) São Paulo: Harbra, 1984.
- BERNE, E. **Análise Transacional em Psicoterapia.** São Paulo: Summus, 1985.
- BERNE, E. **O que você diz depois de dizer olá?** São Paulo: Nobel, 2007.
- BERTUOL, M. B. Imagens do Ego e Protocolo do Script- A comunicação no início da vida. **Revista Brasileira de Análise Transacional.** Ano XXI, 2011.
- CANAVARRO, M. C. Gravidez e Maternidade- Representações e tarefas de desenvolvimento. **Psicologia da Gravidez e da Maternidade.** Coimbra: Editora Quarteto, 2010.
- COLE, M.; COLE, S. **O Desenvolvimento da criança e do adolescente.** (M. Lopes, Trad.). Porto Alegre: Artmed, 2004.
- ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os Lobos:** Mitos e Histórias do arquétipo da Mulher Selvagem. Rocco, 2014.
- FERRARI, D. Proposta de Atendimento Humanizado à gestante com enfoque em Análise Transacional. **Revista Brasileira de Análise Transacional.** Ano XXII. UNAT-BRASIL, 2013
- GUTMAN, L. **A Maternidade e o encontro com a própria sombra:** o resgate do relacionamento entre mães e filhos. Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.
- LEVIN-LANDHEER, P. Ciclos de Desenvolvimento. TAJ, v. 12, abril 1982. Publicado em: **Prêmios de Eric Berne**, UNAT-Brasil, 2010.
- MALDONADO, M. T. P. **Psicologia da Gravidez:** Parto e Puerpério. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1981.
- MCCARTY, W. A. **Extraordinário Mundo dos Bebês: do Útero ao Berço.** São Paulo: Cultrix, 2013.
- MOTA, M. E. Psicologia do desenvolvimento: uma perspectiva histórica. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 2, p. 105-111, dez. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2005000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 set. 2016.
- MERHY, V. A. Crescendo em direção à autonomia ou à dependência? Trabalhando a Simbiose na Relação Terapeuta-Paciente. **Revista Brasileira de Análise Transacional.** Ano XXII, 2013.
- PAPALIA, D.; OLDS, S. **Desenvolvimento Humano.** (D. Bueno, trad.) Porto Alegre: Artmed, 2000.

SCHIFF, J. et al. **Leitura do Catexis**. Tradução informal feita por Ralf Berg. Rio de Janeiro, 1986.

VERNY T. R.; WEINTRAUB, P. **O Bebê do amanhã**: Um novo paradigma para a criação dos filhos. São Paulo: Barany, 2000.

WILHEIM, J. **O que é Psicologia pré-natal**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

UNião Nacional de Amadoras Transacionais Brasil
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ANÁLISE TRANSACIONAL

ATA DA 1ª REUNIÃO DO COMITÊ DE CONCLUSÃO DO SUBGRUPO

As 14 horas de 14 de março de 2014, no dia 14, reuniram-se os membros do Comitê de Conclusão do Subgrupo, no endereço Rua 514 - Centro - 1ª andar - de Curitiba, para a realização da reunião. Participaram: Professora Fátima Regina Rodrigues, a Presidente do Subgrupo, e os membros do Subgrupo: Professores João Maria Pereira Costa, João Carlos Pereira Costa e João Carlos Pereira Costa. A reunião teve como objetivo a conclusão do curso de análise transacional.

Foram discutidos os pontos de conclusão do curso de análise transacional, bem como a elaboração do relatório de conclusão do curso, a ser encaminhado ao Conselho de Administração da instituição.

Foram discutidos os pontos de conclusão do curso de análise transacional, bem como a elaboração do relatório de conclusão do curso, a ser encaminhado ao Conselho de Administração da instituição.

Foram discutidos os pontos de conclusão do curso de análise transacional, bem como a elaboração do relatório de conclusão do curso, a ser encaminhado ao Conselho de Administração da instituição.

Assinaturas dos membros do Comitê de Conclusão do Subgrupo:

Fátima Regina Rodrigues (Presidente)

João Maria Pereira Costa

João Carlos Pereira Costa

João Carlos Pereira Costa

Foram discutidos os pontos de conclusão do curso de análise transacional, bem como a elaboração do relatório de conclusão do curso, a ser encaminhado ao Conselho de Administração da instituição.

Assinatura do Coordenador do Curso:

Prof. Fátima Regina Rodrigues

Assinatura do Coordenador do Curso:

Prof. Fátima Regina Rodrigues